VII SEP EX! 2026
SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Ensino, pesquisa e extensão: formando pessoas, transformando territórios.
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS - UNEAL

LUGAR DE HOMEM? Uma análise sobre a presença masculina na Educação Infantil em Arapiraca - AL

Ericlis Roberto Aguiar dos SANTOS[1], Carla Manulla de Oliveira SANTOS[2], [1]Aluno do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e-mail: ericlis@alunos.uneal.edu.br; [4] Professora Orientadora do Grupo de Pesquisa: Infâncias bebês e criança, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e-mail: carla.manuella@uneal.edu.br.`

A pesquisa analisa as representações das masculinidades docentes no contexto da Educação Infantil (EI) em Arapiraca, Alagoas, investigando como o gênero institui barreiras e (des)qualifica corpos em papéis sociais. Partindo das experiências dos professores, cuidadores e recreadores, que estão ou já estiveram nesse lugar de dissidência, pelo pré-anúncio que o gênero masculino causa na sua prática profissional. Metodologicamente, configura-se como uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico- interpretativista, utilizando a Análise de Conteúdo de Bardin para o tratamento dos dados. O lócus da investigação abrangeu dez instituições públicas de ensino (CEIs e creches) em Arapiraca-Al, onde foram realizadas dez visitas para mapeamento junto a gestores e dez entrevistas semiestruturadas, com profissionais do gênero masculino que atuam ou já atuaram no contato direto com crianças na EI. A presença masculina nos Centros de Educação Infantil é de suma importância para o desenvolvimento das crianças, oferecendo referências saudáveis e plurais de masculinidade. Contudo, os dados revelam uma profunda disparidade de gênero nesse segmento, que é massivamente dominado por mulheres, as quais representam cerca de 93,8% dos profissionais. Além disso, há uma segregação de fato das funções: a maioria dos homens (61%) está alocada em cargos de segurança e portaria, associados ao arquétipo tradicional do homem forte e protetor, enquanto apenas cerca de 2% do quadro total de. funcionários corresponde a homens atuando diretamente no cuidado e na educação. Muitos desses profissionais ingressam na área por necessidade empregatícia, via processos seletivos simplificados, e sem uma formação inicial básica na área, sustentadas por formações municipais incipientes, embora desenvolvam uma forte identidade docente e vínculos afetivos após o início da prática. No cotidiano escolar, o educador enfrenta um cenário de intensa vigilância e preconceito estrutural, especialmente por parte das famílias. Existe um pânico moral latente que projeta a figura masculina como uma ameaça em potencial, o que se reflete em desconfiança e restrições sobre tarefas de cuidado íntimo, como banhos e trocas de fraldas. Esse estigma inicial costuma

ser superado ao longo do ano letivo, na medida em que a rotina se estabelece e a competência profissional é comprovada através do relato das próprias crianças. Paralelamente, há um alerta rigoroso contra o perigo da paternalização da docência. Tentar legitimar o professor homem como uma "figura paterna substituta" para suprir ausências familiares é uma armadilha teórica que desintelectualiza a profissão, reduzindo a atuação pedagógica e científica a um mero assistencialismo afetivo ou extensão do lar. Por fim, o homem que assume o papel de educador infantil, torna-se um profissional dissidente, rompendo com a masculinidade hegemônica. O docente homem precisa provar constantemente sua idoneidade, evidenciando que o afeto, a sensibilidade e o cuidado são atribuições essencialmente humanas que independem de gênero.

Palavras-chave: Masculinidades DocenteGênero; Performance de Gênero; Pânico Moral; Crianças